

## Bastidores da anatomia: da história à essência humana

## Anatomy behind the scenes: from history to human essence

Isabela Pereira Almeida<sup>1</sup> 

Andressa Karoline da Silva Malheiro<sup>2</sup> 

Zara Dantas Oliveira<sup>3</sup> 

<sup>1</sup>Autora para correspondência. Universidade do Estado da Bahia (Salvador). Bahia, Brasil. karolsilvamalheiro@gmail.com

<sup>2,3</sup>Universidade do Estado da Bahia (Salvador). Bahia, Brasil. zaradantasdeoliveira@gmail.com, isabelapereira.ssa@gmail.com

**RESUMO | INTRODUÇÃO:** A história da Anatomia, sua representação artística e a história do corpo humano, com seus tabus, percorreram um longo caminho até o momento atual. O objetivo deste trabalho é compreender os pontos históricos dessa área do conhecimento, bem como a subjetividade a ela envolvida, correlacionando com a Literatura e as Artes. **DESENVOLVIMENTO:** A produção de conhecimentos anatômicos se inicia na pré-história; é estanque na Idade Média; ganha fôlego na Medicina Oriental e atinge seu ápice nos espetáculos de dissecações públicas. A Anatomia se estabelece como forma de entretenimento através da regulamentação das dissecações públicas, levando à banalização da morte, valorização do grotesco, escassez de cadáveres e o medo da apropriação indevida dos corpos. À medida que cresceu enquanto área do conhecimento, a Anatomia criou as bases para as ciências da saúde e o cuidado com o ser humano. Depreendeu-se, com o tempo, que o estudo das peças anatômicas requer princípios essenciais - sensibilidade, ética e respeito -, e nos permite refletir sobre a transposição dos limites entre o belo *versus* o grotesco; o agradável *versus* o repugnante. Permite ainda reflexão acerca da banalização, comercialização e erotização do corpo, bem como sobre os limites da ciência. **CONCLUSÃO:** A Anatomia humana, em suas múltiplas vertentes, percorreu longos caminhos e se constitui como uma preciosa fonte de conhecimento, porém, depara-se com o aliciamento pelos mais distintos interesses. É preciso resgatar a beleza do corpo humano, que é parte indissociável do ser que ali habita/habitou a fim de ressignificar a sua essência humana.

**PALAVRAS-CHAVE:** Anatomia. Arte. Cuidado com o corpo.

**ABSTRACT | INTRODUCTION:** The history of Anatomy, its artistic representation and the history of the human body, with its taboos, have come a long way until the present moment. The objective of this work is to understand the historical points of this area of knowledge, as well as the subjectivity involved, correlating it with Literature and the Arts. **DEVELOPMENT:** The production of anatomical knowledge begins in prehistory; it is watertight in the Middle Ages; gains momentum in Oriental Medicine and reaches its peak in spectacles of public dissections. Anatomy is established as a form of entertainment through the regulation of public dissections, leading to the trivialization of death, the appreciation of the grotesque, the scarcity of corpses and the fear of misappropriation of bodies. As anatomy has grown as an area of knowledge, it has created the basis for health sciences and human care. It has emerged over time that the study of anatomical pieces requires essential principles - sensitivity, ethics and respect - and allows us to reflect on the transposition of the boundaries between the beautiful versus the grotesque; the pleasant versus the disgusting. It also allows reflection on the trivialization, commercialization and eroticization of the body, as well as on the limits of science. **CONCLUSION:** Human anatomy, in its multiple aspects, has come a long way and constitutes a precious source of knowledge, however, it is faced with enticement by the most different interests. It is necessary to rescue the beauty of the human body, which is an inseparable part of the being that inhabits / dwelt there in order to resignify its human essence.

**KEYWORDS:** Anatomy. Art. Body care.

## Introdução

A história da Anatomia, sua representação artística e a história do corpo humano, com seus tabus, percorreram um longo caminho até a atualidade. Esta jornada se inicia na pré-história, através de povos que gravavam desenhos de corpos em rocha, enveredando pelo belo caminho da descoberta do próprio corpo e do autoconhecimento<sup>1</sup>.

A produção artística e o estudo da anatomia avolumam-se com o surgimento das civilizações. Nesse período, cabe destaque à obra de Hipócrates e Aristóteles, que utilizavam a Filosofia mesclada à Medicina para produzir seus ensaios anatômicos. Segue-se, um período obscuro para a Anatomia, marcado por produção ínfima de conhecimento, motivada pela sensibilidade exacerbada em relação ao corpo humano na sociedade medieval. Todavia, à medida em que as universidades florescem, cresce também o interesse pela Anatomia, baseada, a essa altura, nas traduções de textos árabes de Avicena, Hali e Rhazes<sup>1</sup>.

## Desenvolvimento

Nesse contexto, o livro “O Físico”<sup>2</sup>, de Noah Gordon, é uma ficção intrigante que permite ao leitor entender como era a ciência na Idade Média. O personagem principal, Rob Cole, com um barbeiro-cirurgião, aprende a “prática curativa” e o “charlatanismo” da época. Procura meios de estudar Medicina no Oriente no período. O personagem decide se misturar aos judeus, e vai em busca de Ibn Sina, alusão ao mestre Avicena, para adentrar a escola de médicos, que era muçulmana e só aceitava judeus como exceção. Rob consegue uma vaga na escola e torna-se um questionador, passa a fazer dissecações humanas para estudar Anatomia, e a desenhar partes anatômicas; mesmo com medo de acusações por heresia. O personagem não conseguia parar de dissecar, visto o aprendizado que aquilo ia lhe proporcionando:

*[...] carregou o corpo de uma jovem morta há poucas horas e a colocou na mesa vazia [...]. Abrindo o porco e a mulher, preparou-se para fazer uma cuidadosa comparação das duas anatomias. Por ter começado a inspeção na área onde se instalava a doença abdominal, logo encontrou uma diferença. O ceco do porco [...] era grande, [...] mas o da mulher era pequeno em comparação [...]. O "verme" era uma parte de todas as pessoas - prova pequena, mas real de que os órgãos do ser humano não eram iguais aos dos porcos [...]. E nesse caso, quem podia saber quantos mistérios magníficos seriam desvendados simplesmente estudando o interior dos seres humanos? (GORDON, 1984, p. 522)*

Noutro lado real, o espetáculo anatômico de dissecações públicas surge por volta do século XII. Tal fato faz-se possível em razão do pioneirismo na utilização de cadáveres com fins didáticos. A dissecação devia iniciar-se pelo abdome, local que começa a se deteriorar mais precocemente, como pode ser visto na figura 1<sup>3</sup>. O quadro é discutido por Ferreira e Silva (2014), enfocando o uso do corpo não como um objeto de estudo de fins didáticos, mas para a exposição teatral do corpo<sup>4</sup>. A imagem do abdome aberto, muito mais que científica, é entendida como forma de chamar a atenção e impactar o espectador<sup>4</sup>, como vê-se na Figura 1.

Esmiuçando a obra sob o olhar cuidadoso das autoras<sup>4</sup>, estas expõem a “despudorada forma como os médicos fitam o exterior e não o homem na mesa de dissecação”, fomentando a reflexão de que o interesse na anatomia não era puramente científico, perpassando a vaidade dos estudiosos, sedentos em expor a sua condição de elite privilegiada, detentora do “poder de penetrar espaços até então inacessíveis da sacralidade dos corpos”<sup>4</sup>.

Figura 1. “Lição de Anatomia do Dr. Willem van der Meer”, Michiel Jansz van Mierevelt, 1617



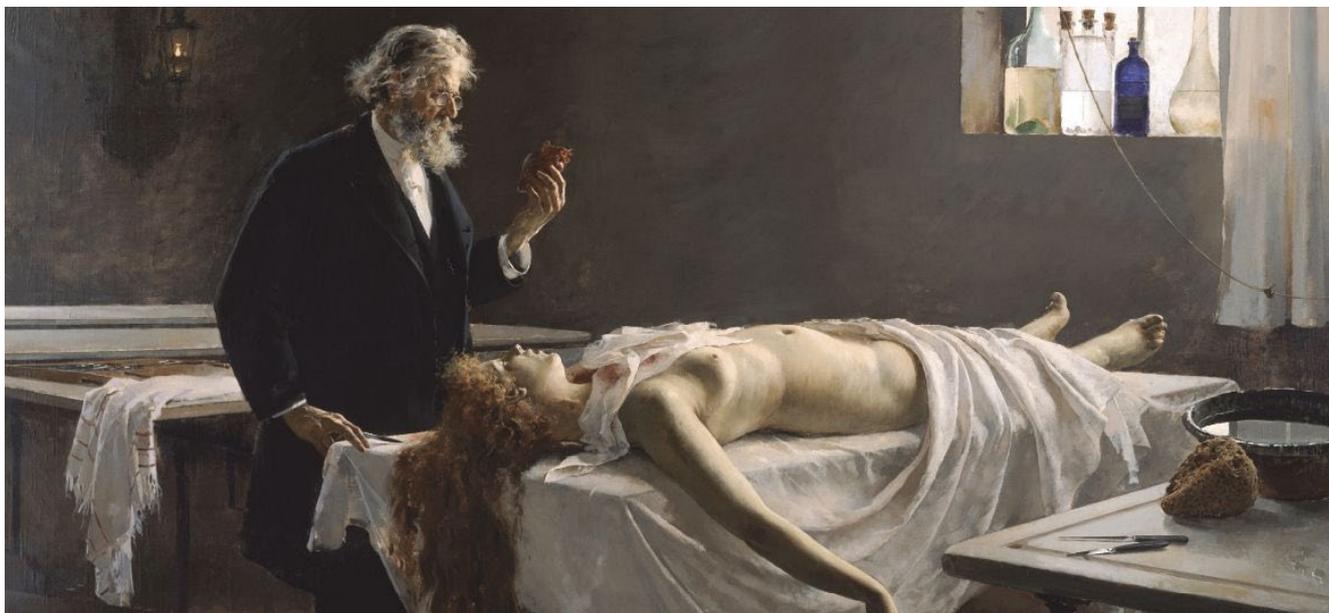
Fonte: Museu de Delft — Holanda. In: Pinheiro de Almeida M. O corpo humano no currículo do ensino de Ciências da escola primária no território federal do Acre: uma perspectiva histórica [Doutorado em Ensino, Filosofia e História das Ciências]. UFBA; 2016.

No século XIV, a anatomia como forma de entretenimento ganha força com a regulamentação das dissecações públicas, resultando na perda dos limites entre as dualidades: belo *versus* grotesco; agradável *versus* repugnante. Tais práticas remetiam à precariedade da vida humana e traziam a reflexão sobre o destino final dos homens: a morte<sup>1</sup>. Esse interesse pelo grotesco e banalização da morte é explorado em um gênero literário da época, a ficção de horror. Esta tinha a capacidade de despertar em seus leitores reações físicas, como a excitação, semelhante ao que ocorre com a leitura erótica. Mas as semelhanças não se encerram aqui: a literatura de horror e a erótica comumente apresentam o corpo como reduto de sensações intensas, como violência e orgasmo<sup>5</sup>. Assim, o corpo que costuma ser explorado nas obras é frequentemente o da mulher, na figura de um objeto de desejo a ser manipulado.

Nessa perspectiva, no conto contemporâneo “Duzentos e vinte e cinco gramas”, de Rubem Fonseca<sup>6</sup>, o autor relata uma história envolvendo uma mutilação do corpo feminino em prol do prazer. A obra traz a história de uma mulher suíça, Elza Wierck, amante de três homens “industriais”, assassinada a facadas por um maníaco sexual. A narração da cena principal se passa no necrotério com o corpo nu sob a mesa de mármore, onde se dá o espetáculo regido pelo médico legista. Este, estranhamente, convida um dos amantes da vítima a assistir a autópsia, transformando a cena numa barbárie em que a precisão do saber científico se manifesta como uma satisfação do próprio ego. O convidado assiste a este “show de horrores”, desafiado a suportar aquela vivência. A identidade de Elza é assustadoramente diminuída a um corpo usado para impressionar os envoltos na cena, com descrições minuciosas e rigor técnico associado aos procedimentos do legista.

Ainda sobre a obra, o título nos reporta ao peso do coração de Elza, como se o número fosse a representação estática do órgão, manifestando o poder do racional sobre a vida da jovem. O tema também nos remete ao quadro “Anatomia do coração”<sup>7</sup> (1890), figura 2, em que um homem de cabelos brancos, barbudo, bem vestido e com olhos atentos segura o coração de uma mulher jovem. A pintura não retrata elementos que possam esclarecer o motivo da morte da mulher. Seria esta, também, uma Elza, como no conto referido? A pintura é claramente rica em mistério e erotização do corpo feminino: seios expostos, ventre descoberto, cabelos livres induzindo sexualidade. Curiosamente, a incisão cirúrgica é realizada apenas na região anatômica do coração.

**Figura 2.** “Anatomia do Coração” ou “Ela tinha um coração”, pintado por Enrique Simonet, 1890



Fonte: Acervo do Museu de Belas Artes de Málaga. In: Riqueza de detalhes [Internet]. *Revista Saúde*. 2017 [acesso em 23 Set 2020]. Disponível em: <https://www.revivers.com.br/edicoes/editoria/saude-do-corpo/riqueza-de-detalhes-3/>

E de onde vinham todos os corpos usados nas dissecações públicas? De início, eram utilizados os corpos de criminosos mortos por enforcamento. Contudo, a escassez desses cadáveres, associada à demanda crescente de entretenimento anatômico e a necessidade do homem em conhecer-se através do corpo, fez com que o limite do ético fosse ultrapassado. Tornou-se corriqueira a prática de roubo de cadáveres, que perdurou por séculos. A prática fez surgir o temor em ter o corpo subtraído da sepultura ou de ser enterrado vivo<sup>1</sup>, retratado inclusive no conto “Violação” (1898), escrito por Rodolfo Teófilo. Neste, o personagem vive em uma cidade assolada pela cólera, fica gravemente enfermo e, mesmo aos cuidados de sua amada Anna, o paciente piora do quadro e desmaia. Sem indício de vida, o rapaz é levado ao cemitério por carregadores de defunto e, ao acordar, o paciente não consegue reagir, já sentindo o peso da terra lhe esmagando vivo<sup>5</sup>.

Incrementando a prática de dissecações públicas, a estimulação elétrica de corpos, por exemplo, causava reações musculares involuntárias, sendo o espetáculo palco para “ressuscitação” de cadáveres, o que atraía um grande número de espectadores<sup>1</sup>. Tal “espetáculo de ressuscitação”, além de chocar, nutriu o imaginário popular, a ponto de inspirar obras literárias, como o livro “Frankstein”, de Mary Shelley. Na obra, o estudante de medicina Vitor Frankenstein traz à vida um cadáver<sup>8</sup>. A criatura, entretanto, assume um aspecto grotesco e é abandonada por seu criador. Porém, ao apropriar-se dos sentimentos humanos, compreende que se encontra desamparado, passando a perseguir seu inventor.

À medida que a anatomia crescia enquanto área do conhecimento, a dissecação pública foi sendo banida da experiência social de leigos e seu domínio, enquanto disciplina, criou sustentação para as ciências da saúde<sup>9</sup>. Ao longo do tempo, depreendeu-se que a utilização dos cadáveres deve ser feita mediante valores éticos e morais. É necessário nutrir um olhar sensível e humano para o corpo que se encontra estendido sobre a mesa, afinal, não se trata de um fragmento biológico, mas de um ser humano por trás do qual existia personalidade, sentimentos e vínculos<sup>10</sup>. É preciso enxergar além, entender a multiplicidade do ser para tratar o cadáver com o respeito necessário. A abordagem de ética deve ser estimulada durante os primeiros anos da faculdade, comumente o momento em que a experiência ainda causa surpresa, angústia e comoção aos discentes<sup>9</sup>.

Essa necessidade de tratamento ético pode ser vista no livro “O futuro da humanidade”, de Augusto Cury<sup>11</sup>. No primeiro capítulo, passa-se uma cena em que novos alunos do curso de Medicina estariam numa primeira aula de Anatomia. Diante dos cadáveres, os sentimentos foram diversos e chamava atenção o modo insensível como os cadáveres eram tratados.

Felizmente, Marco Polo, personagem principal do livro, questiona o nome das pessoas que eles dissecariam, levanta a reflexão sobre a condição humana daqueles corpos: “Como não têm nome? Eles não choraram, não sonharam, não amaram, não tiveram amigos, não construíram uma história?”<sup>11</sup>. Ele foi repreendido com prontidão, porém, o ponto a ser evidenciado aqui é a nobreza de tal percepção. Nota-se também a importância da inserção precoce do ensino de Humanidades Médicas na formação, pois a racionalidade médica não pode prescindir das subjetividades.

Séculos depois dos verdadeiros espetáculos de anatomia, nos anos 2000, as sessões exibicionistas viriam à tona novamente com a exposição artística itinerante de corpos, chefiada por Gunther Von Hagens (figura 3). Nelas, os corpos dissecados apresentam-se nos mais diversos níveis de organização e são realizadas harmonizações que fazem referência a obras de arte<sup>4,12</sup>. Com a técnica de plastinação, o cadáver assume uma aparência plástica, desprovida de umidade e odor, embora preserve a evidência de tratar-se de um corpo humano real. Toda essa organização de cadáveres para a exposição levanta uma série de questões, que vão desde a obtenção duvidosa dos corpos à busca por interesses individuais, perpassando também pelo sensacionalismo, a cadeia comercial envolvida e a ideia de que a transformação de um corpo num produto plástico pode remetê-lo à mercadoria<sup>12</sup>.

**Figura 3.** “Lição de Anatomia”, Gunter von Hagens, 2007



Fonte: Madeiro À, Oliveira A, Lens A, Gandier Â, Santos A, Pompílio C et al. Corporalidades e Afetos - Ensaio sobre Humanidades Médicas. Recife: Núcleo de Estudos de Literatura e Intersemiose (NELI/ PPGL/UFPE/CNPq); 2014. Pág 69.

Para além disso, tem sido corriqueiro na mídia a reprodução de corpos humanos em estados deploráveis, que são recepcionados com avidez por espectadores dos mais variados gostos<sup>4</sup>. Mais adiante, observa-se nas redes sociais um intenso compartilhamento de fotos de cadáveres em circunstâncias de violência, tratamento desumano, despersonalização, quando não com explícitos requintes de crueldade. As telas reproduzem a vida, sendo explícita frieza coletiva nas exposições corpóreas urbanas, seja por acidentes ou crimes. Isso evidencia a banalização, não apenas com a história do ser falecido, mas também com as pessoas com as quais ele mantinha vínculos afetivos. Esse desdém é ilustrado no conto “Uma vela para Dario”<sup>13</sup>, de Dalton Trevisan, no qual Dario é tomado por um mal estar súbito e vai à óbito posteriormente. Segue-se um recorte:

*Não carregam Dario além da esquina; [...]É largado na porta de uma peixaria. Enxame de moscas lhe cobrem o rosto [...] Registra-se correria de uns duzentos curiosos que, a essa hora, ocupam toda a rua e as calçadas: é a polícia. O carro negro investe a multidão. Várias pessoas tropeçam no corpo de Dario, pisoteado dezessete vezes. [...] Apenas um homem morto e a multidão se espalha, as mesas do café ficam vazias.*  
(TREVISAN, 2001)

## Conclusão

Em suas múltiplas vertentes, a Anatomia Humana percorreu longos caminhos, constituindo-se preciosa fonte de conhecimento e aprendizado, porém, deparou-se com o aliciamento pelos distintos interesses relacionados ao capitalismo, às vaidades individuais, à engrenagem da mídia, ao racionalismo excessivo e à insensibilidade generalizada, os quais acarretam um tratamento frio e grotesco ao cadáver. É preciso resgatar a beleza do corpo humano, que é parte indissociável do ser que ali habitou e a partir do qual experiencia-se a vida. Trabalhar a fim de minimizar esse contexto é um grande desafio. Existem ricas reflexões atemporais que impulsionam a necessidade do estudo humanístico na formação médica, passando pela discussão da História, Filosofia, Artes, Música e Literatura, na busca de um objetivo comum: a valorização do ser humano e o fortalecimento da relação médico-paciente.

## Agradecimentos

Expressamos nossos sinceros agradecimentos às professoras Maristela Sestelo, lêda Alelulia e Nelma Arônia pela realização do curso de extensão da UNEB: “A Medicina em interface com a Literatura: sobre o uso da narrativa oral no consultório”, ministrando aulas que despertaram a sensibilidade e o olhar crítico, aos colegas discentes desta turma pelas discussões enriquecedoras e à colega Caroline Almeida, pela revisão final do texto.

## Contribuições das autoras

Oliveira ZD, Almeida IP e Malheiro AKS participaram da concepção, delineamento, busca dos dados da pesquisa e redação do artigo científico.

## Conflitos de interesses

Nenhum conflito financeiro, legal ou político envolvendo terceiros (governo, empresas e fundações privadas, etc.) foi declarado para nenhum aspecto do trabalho submetido (incluindo, mas não se limitando a subvenções e financiamentos, participação em conselho consultivo, desenho de estudo, preparação de manuscrito, análise estatística, etc.).

## Referências

1. Talamoni, ACB. Anatomia, ensino e entretenimento. In: Talamoni, ACB. Os nervos e os ossos do ofício: uma análise etnológica da aula de Anatomia [Internet]. São Paulo: Editora UNESP, 2014, pp. 23-37. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/2s7y9/03>
2. Gordon N. O físico. Rocco Digital; 1998.
3. Almeida MP. O corpo humano no currículo do ensino de Ciências da escola primária no território federal do Acre: uma perspectiva histórica [tese] [Internet]. Salvador: Universidade Federal da Bahia; 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/21269>
4. Madeiro À, Oliveira A, Lens A, Gandier Â, Santos A, Pompílio C et al. Corporalidades e Afetos - Ensaio sobre Humanidades Médicas [Internet]. Recife: Núcleo de Estudos de Literatura e Intersemiose (NELI/PPGL/UFPE/CNPq); 2014. p. 57-82.
5. Silva D. Em carne viva: corpo, sexo e horror na literatura brasileira. Anais do IV Colóquio de Estudos em Narrativa: A ficcionalização do medo na narrativa. Volume 2, Número 1. Uberlândia: EDUFU, 2016.
6. Fonseca, R. Contos reunidos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

7. Riqueza de detalhes [Internet]. Revide Saúde. 2017 [acesso em 23 Set 2020]. Disponível em: <https://www.reviders.com.br/edicoes/editoria/saude-do-corpo/riqueza-de-detalhes-3/>
8. Shelley M. Frankenstein (Ralph E, tradutor). Rio de Janeiro: Editora Ediouro, 1998.
9. Salbego C, Oliveira EMD, Silva MAR, Bugança PR. Percepções Acadêmicas sobre o Ensino e a Aprendizagem em Anatomia Humana. Revista Brasileira de Educação Médica [Internet]. Rio de Janeiro, 2015 [citado 10 Agosto de 2020]; v.39. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S01005022015000100023&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S01005022015000100023&lng=en&nrm=iso).
10. Borba KP. O estudo de anatomia no ensino de enfermagem: reflexões sobre princípios éticos. Ciênc cuid saúde [Internet]. 2017 [citado 10 Agosto de 2020];16(2). Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-966825>
11. Cury A. O futuro da humanidade. São Paulo: Arqueiro, 2005.
12. Kim J. Exposição de corpos humanos: o uso de cadáveres como entretenimento e mercadoria. Mana [Internet], Rio de Janeiro, v. 18, n. 2, p. 309-348, Aug. 2012. [citado 10 Agosto de 2020]; Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-93132012000200004&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132012000200004&lng=en&nrm=iso)
13. Trevisan D. Uma vela para Dario. In: Moroconi, I (org). Os cem melhores contos brasileiros do século. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001, p.279-280.